

Unidade e Diversidade no Movimento Estudantil: A heterogeneidade das esquerdas dentro da UNE (1964-1974). SANTOS, Jordana de Souza; Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus Marília.

O presente trabalho pretende demonstrar as tendências mais importantes de esquerda do Movimento Estudantil (ME) enfatizando os dois grupos mais relevantes e que maior influência exerceram sobre a União Nacional dos Estudantes (UNE) no período de 1964-1974: a Ação Popular (AP) e as Dissidências Estudantis Comunistas (DI-SP e DI-GB). As Dissidências diferiam da AP quanto ao papel do ME no enfrentamento com a ditadura. Essas divergências ganharam espaço em torno de 1966 se prolongando até 1968, ano em que chegam ao ME os ideais de luta armada. O objetivo central desta pesquisa é entender quais as propostas de cada um dos grupos acima e identificar os seus pontos de divergência, assim como, os de convergência relacionando-os com a perspectiva revolucionária estudantil.

O Brasil dos anos 60 viveu as transformações e anseios desta década de forte agitação popular e social. Os Centros Populares de Cultura da UNE, o Teatro de Arena, o Cinema Novo e o Tropicalismo levavam a público propostas críticas sobre a vida social e cultural. Os espetáculos artísticos ajudaram a formar ao longo dos anos 60 uma massa política crítica. Che Guevara se tornaria um símbolo para aqueles que lutavam por um mundo melhor. O “maio francês” teve forte repercussão nos movimentos estudantis de todo planeta além dos protestos contra a Guerra do Vietnã, Revolução Cubana, Independência Argelina etc.

Neste breve contexto de luta por mudanças sociais os estudantes representaram um movimento coeso que lutou ativamente contra a ditadura militar e contra toda e qualquer forma de repressão, Através da UNE, os estudantes brasileiros se organizaram e adquiriram várias influências ideológicas através dos grupos que a compunham como o Partido Comunista Brasileiro (PCB), a Ação Popular (AP), o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR) entre outros. O marxismo era a corrente seguida pela maioria destes grupos. Porém, as divergências com relação aos projetos e lutas que o ME deveriam encabeçar eram evidentes.

O PCB era o principal representante da esquerda marxista até 1964, quando do desfecho do golpe militar, sua influência decaiu e surgiram várias cisões em seu interior

originando outras organizações como a Aliança Nacional Libertadora (ALN), o Partido Comunista do Brasil (PC do B) e o PCB. Constituíram-se também as Dissidências Estudantis (DIs) que tinham representantes em cada estado. As mais importantes entre as DIs foram a DI-GB e a DI-SP. O reformismo pecebista e suas teorias sobre revolução brasileira não correspondiam mais à situação pós-golpe na visão dos grupos dissidentes. A própria AP, que mesmo não sendo uma cisão pecebista, surgiu num clima de busca por novas teorias diversas às transmitidas pelo PCB.

Com relação ao Movimento Estudantil, a AP e o PCB foram os dois grupos que maior influência exerceram durante a década de 1960. A AP tinha forte hegemonia e conquistou a presidência da UNE diversas vezes demarcando sua predominância. Com o tempo, o PCB seria isolado do cenário estudantil com o surgimento das DIs. A AP declarava-se uma organização de esquerda adepta do socialismo como humanismo característica da origem cristã da organização. Foi um movimento cristão não confessional adepto da prática política diferentemente da Juventude Universitária Católica (JUC), que pregava a evangelização dos estudantes como objetivo principal, sem vínculos com qualquer ação política. A AP surgiu de um “racha” ocorrido na JUC por volta de 1961, fruto de um processo de radicalização que a organização vinha sofrendo. Em seu Documento Base faz avaliações sobre a situação brasileira e colocando os operários e camponeses como agentes revolucionários. Os estudantes seriam um elo de apoio à revolução proletária contribuindo na luta de classes.

As DIs surgiram em 1965 juntamente com as outras dissidências comunistas descontentes com os rumos do PCB. As DIs tomaram contato com os ideais da Revolução Cubana que apareciam como uma nova alternativa teórica. Tinham expressividade no ME, entretanto, a AP sempre foi a corrente dominante havendo diferenças ideológicas e práticas entre os dois grupos. Essas diferenças giravam em torno do papel assumido pelos estudantes na conjuntura da ditadura militar. Para as DIs, os estudantes não deveriam abandonar suas reivindicações específicas como reforma universitária, e se dedicarem exclusivamente às causas operárias e populares. O ME não era uma vanguarda revolucionária como a AP pregava e o seu principal objetivo era a luta específica concedendo apoio às outras causas como contra a ditadura e a Guerra do Vietnã, tão mencionada pela AP. Em contrapartida, a AP considerava os estudantes como um poderoso aliado na luta proletária além de enfatizar a sua participação no movimento de massas. Após 1964, a AP assumiu verdadeiramente o marxismo e se dedicou ao trabalho de preparação da revolução através da conscientização das massas.

Para as DIs, a AP queria instrumentalizar a UNE, torná-la um partido político levando os estudantes a lutarem e assumirem certas posições que não estavam o seu alcance.

A partir de 1968, o ME sofre uma divisão em duas posições. A 1ª posição era comandada pela AP que pregava a luta geral. A 2ª posição era liderada pelas DIs a favor da luta reivindicatória. Este ano foi o mais importante para o ME em termos de radicalização do movimento. A morte do estudante Edson Luís provocou forte indignação e a “Batalha da Rua Maria Antonia” trouxe a luta armada como uma saída para os estudantes que não enxergavam outra opção após a decretação do Ato Institucional nº5 no mesmo ano. Neste conflito, temos a presença da ALN entre os estudantes da Faculdade de Filosofia da USP e do Comando de Caça aos Comunistas (CCC) entre os estudantes do Mackenzie. É também em 1968 que a AP se aproxima do maoísmo e, conseqüentemente, do PC do B que era o representante desta corrente no Brasil. Esta adesão ao maoísmo causou uma reviravolta na organização que passou a dedicar-se ao processo de proletarianização de seus militantes, incluindo os estudantes. Este processo corresponde ao engajamento dos militantes na produção e no campo, trabalhando e conscientizando as massas. Houve mudanças também entre as DIs após 1968. A DI-SP foi incorporada pela ALN e a DI –GB tornou-se MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de outubro) e realizou diversas ações armadas como o seqüestro do embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick juntamente com a ALN em 1969.

A repressão debilitou profundamente o movimento estudantil principalmente após o XXX Congresso da UNE em Ibiúna (SP), realizado em 1968. Neste congresso, foram presos cerca de 800 pessoas entre elas os líderes estudantis Vladimir Palmeira (DI-GB, Luís Travassos (AP) e José Dirceu (DI-SP). Depois disso, a UNE ficaria sem força embora continuasse lutando até a sua extinção em 1972. As divergências entre a AP e as DIs eram intensas e causavam diversos desentendimentos entre os líderes estudantis. Com a divisão do ME em duas posições os estudantes sentiram-se perdidos e desarticulados resultando em falta de organização, o que ficou evidente na organização do congresso de Ibiúna. Reflexo desarticulação é que após Ibiúna, muitos estudantes abandonaram a UNE e foram militar em organizações clandestinas.

Nosso objetivo é identificar com precisão as divergências entre a AP e as DIs e estudar o projeto de cada um para o movimento estudantil. Analisaremos se estas divergências causaram o enfraquecimento do ME e dificultaram o seu enfrentamento com a ditadura. Procuraremos também entender como foi a adesão a luta armada por esses dois grupos

após 1968 e como ficou a atuação da AP e das DIs após a fusão daquela com o PC do B e destas à organizações clandestinas.